



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

26 de Agosto de 1989

Ano XLVI — N.º 1186 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

☆ O João é um doente incurável do nosso Calvário. Não tem outro lugar para viver nem morrer. Metade duma cama normal chega para acolher o seu corpo de pessoa adulta.

Todas as manhãs, ao abrir-se a porta que dá para o seu leito, põe o braço esquerdo a girar como a hélice dum motor, em sinal de contentamento. Os olhos vivos do João riem; o seu rosto de menino prepara-se para receber uma carícia e as fraldas molhadas e sujas esperam ser mudadas.

A alegria do João faz-nos falta. O mundo precisa de conhecer estes tesouros, de enganado que anda à procura de coisas para encher a vida.

O dia-a-dia passa-se em correias de um lado para o outro. Cruzamo-nos nas ruas com gente de olhar triste, carregado e insatisfeito.

A alegria do João é o complemento que falta à vida das pessoas que se vão desumanizando.

O Calvário faz a nossa terra mais humana. O cuidado dos doentes enche a vida de quem ama muito.

Que missão sublime arrancar destes seres humanos a alegria escondida e espalhá-la por aqueles que parecem ter tudo e vivem tristes.

O contacto com o doente incurável, abandonado, torna-nos mais humanos, mais próximos

uns dos outros. Ele é um valor que ninguém tem o direito de eliminar. Ele é a oportunidade de pôr à prova a capacidade de doação das pessoas. Sem ele o coração humano fica mais pobre, mais fechado. Com ele o horizonte alarga-se para além do que os olhos vêem e os ouvidos ouvem.

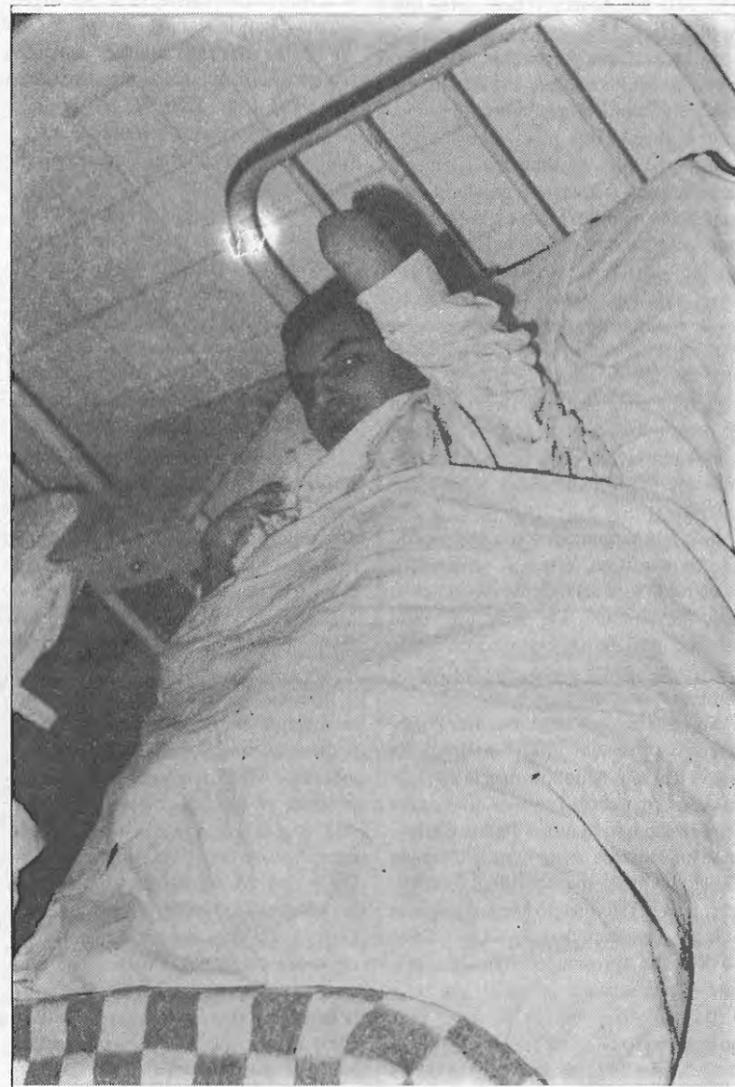
O doente incurável aproxima-nos das pessoas e leva-nos ao encontro de Deus.

No fim do primeiro dia da sua presença no Calvário, o Jorge falava da lição de teologia que nunca tinha recebido igual, ao longo da sua vida de estudante.

O Calvário é o espaço onde se aprofunda a vida do crente e se põe em questão a do não crente.

Há dias, passou por aqui um casal estrangeiro. Quis saber qual o tipo de gente que ali vivia. Viu e concluiu: «No meu país, grande parte das pessoas não entende que se gaste tempo e se preste atenção a casos como estes.» E rematou: «Uma injeção resolvia todos estes problemas e outros idênticos.»

Cont. na página 4



Metade duma cama normal chega para acolher o corpo do João

SETÚBAL

• Adquirimos uma freza, nova, moderna, com medição computadorizada para a nossa serralharia.

Há muitos anos que o mestre da oficina me enchia os ouvidos com a petição: — «Se tivéssemos uma freza!...»

Obtida a aprovação dos nossos Padres, entramos no mundo das máquinas, escolhemos a mais conveniente e mais económica, decidimo-nos pela mais usada na hodierna formação profissional.

Ei-la já a trabalhar cimentando alegria, brio e entusiasmo nos rapazes.

Só a máquina em si não atinge empate de capital muito elevado, mas com ferramentas e componentes indispensáveis soma valores pecuniários já assustadores e obriga-nos, em consciência, a procurar rentabilidade.

Conforta-nos a perspectiva primária de, com ela, fazermos frezadores, mas não queremos ficar por aqui. Desejamos produzir trabalho. Fazer carretos, veios e outras peças necessárias ao apoio das empresas instaladas no nosso meio industrial.

Precisamos, por isso, de encomendas, garantindo nós, eficiência, precisão e competitividade.

Não esqueçam, então, os encarregados gerais e os nossos amigos tomem a obrigação de os lembrar.

Às vezes tem-se a ideia de uma certa incapacidade da Casa do Gaiato para obras de mais vulto ou mais precisão. Queremos provar o contrário e destruir o falso preconceito. Experimentem.

• Já que estamos em maré de notícias sobre máquinas e oficinas, quero também informar que começamos a fazer fotocomposição na tipografia.

Paço de Sousa deu-nos a sua fotocompositora usada. Nós compramos os sobressalentes indispensáveis e aí está o Lemitos agarrado ao ecran e ao teclado a compor com rapidez e modernidade as chapas pedidas pela clientela.

Continua na página 4

O HELDER

Na sala ao lado ele entretém-se, ora com os bonecos que a esta hora passam na televisão, ora com uns carritos que aí se descobriram. Constantemente vem aonde estou alinhavando estas linhas, trazido por uma necessidade de companhia que o seu breve passado lhe não proporcionou.

Veio ontem. Alto para os seus seis anos, mas franzino e sem cor. O seu comportamento é o próprio da idade. Mas a palavra revela uma precocidade que ele adquiriu mediante as situações de sofrimento em que é experimentado. O melhor é transcrever o relato da sua vida que Assistente Social do seu Concelho dirigiu ao Juiz de Menores:

«Até há um ano, o Helder viveu com a avó materna — porque os pais estão divorciados — que veio a falecer por essa altura.

Entretanto, o menor veio para a companhia da mãe que vive e vive maritalmente com A, de 36 anos, divorciado, de quem tem duas filhas, uma de dois e outra de um ano.

O companheiro da mãe encontra-se ausente, desde 23 de Junho do corrente ano, na África do Sul, para onde emigrou. O pai nunca se interessou pelo menor.

Através de testemunhos de vizinhos, no bairro citado, a declarante tomou conhecimento de que o menor era vítima de maus tratos físicos violentos.

Era normal ficar dias inteiros enquanto a mãe se ausentava, fosse para trabalhar fosse para passear, fechado em casa ou mesmo fechado no quarto. De outras vezes, ficava com a responsabilidade das duas irmãs mais novas.

Só era visto na rua quando a mãe o mandava comprar cigarros ou vinho ou, por vezes, os alimentos para as refeições. Pesos demasiados para uma criança de 6 anos, franzina, que não queria que ninguém a ajudasse porque a mãe lhe batera.

Mas, os maus tratos diários chegavam por qualquer razão. Certo é que o menor fazia alguns 'impropérios': uma das vezes fez dois buracos num sofá (num urinou,

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Quem tem lido as últimas crónicas da nossa Conferência, por certo que reparou que elas continham um preocupação muito grande. Era o querermos acudir àqueles nossos Irmãos que, discriminados pela sociedade em que vivemos, vão sentindo a luta pela sua sobrevivência. Mas que luta!...

A sr.^a Alzira vive num primeiro andar e tem 75 anos de idade. Um dia em que a fomos visitar, estava de cama, com a receita dos medicamentos por aviar, por falta de dinheiro. O mal é devido à sua fraqueza. Quando ia chamar pelos netinhos, passou-lhe não sei quê pela cabeça e cafu pelas escadas abaixo. A sr.^a Alzira vive com quatro netos, dos quais a mais velhinha tem 10 anos; e o marido, que é da idade dela, está entevado. É preciso lavá-lo, vesti-lo, dar-lhe de comer e tudo o mais.

A filha anda por lá... Deixou-a com os netos e foi à vida dela. A sr.^a Alzira, para sobreviver, vai vendendo uns trecozinhos. Que luta esta, a da sr.^a Alzira!...

Não nos perguntem como está a casa. O que vos digo, é que o sr. Luís, o marido, lá está sentado na sua cadeira, todo lavadinho. Ele era um bom alfaiate, mas agora, entevado, vive da pensão de sobrevivência, que mal lhe dá para os medicamentos.

Temos andado a tentar resolver o problema das crianças. A sr.^a Alzira gosta muito dos seus netinhos, mas já não tem idade nem condições para os criar e sustentar. Falámos com o Padre Carlos, para os rapazes irem para a Casa do Gaiato. O problema está difícil de resolver, pois o Tribunal de Menores não dá solução a nenhum dos casos que a Obra da Rua lhe apresentou. Afinal, aonde está a protecção à criança? Vai-se à Televisão dizer coisas bonitas, mas quando se trata de as resolver, são só dificuldades!... Nós comungámos das preocupações do Padre Carlos, pois não

faz sentido que, sendo o Tribunal de Menores um organismo estatal ao qual compete «curar» deles, venha exigir à Casa do Gaiato requerimentos para que lhe faça entrega dos rapazes abandonados. Não seria antes mais lógico que fosse o Tribunal de Menores a garantir medidas de segurança que proporcionassem a solução dos problemas que afectam as crianças e fazem delas joguetes ao sabor dos caprichos dos adultos?...

Quantas dores de cabeça têm os nossos Padres, que poderiam ser evitadas se a Autoridade estivesse no seu lugar.

Pois daqui lançamos um apelo: Que bom seria se o Luís, de sete anos, e o seu irmão, de quatro, já arrancassem o novo ano lectivo 89/90, na Obra da Rua... Sempre que visitamos a sr.^a Alzira, ela pergunta-nos quando levamos os seus netinhos.

Mas voltando ao tema com que abrimos esta crónica, que era nossa preocupação ir em socorro dos nossos Irmãos mais necessitados, é com grande alegria e com lágrimas de felicidade nos olhos, que damos graças ao Pai do Céu e pedimos a Sua bênção para aqueles que têm vindo em nossa ajuda, dando-nos os meios para ajudá-los.

Pai Américo, no seu livro «Pão dos Pobres», escreveu: «A medida do receber, está no dar. Quanto mais e melhor distribuirmos, mais e melhor recebemos. É o 'dai e recebereis do Evangelho'». Assim, temos que de S. João da Madeira veio em nosso auxílio, o avô assinante 26470, com 10.000\$00. De uma Irmã Franciscana, um vale postal de 5.000\$00. Covilhã diz presente com um cheque de 10.000\$00, de Manuela, pedindo as nossas orações. Da Holanda, assinante 47167, com duas vezes sete e promete vir todos os meses. Que o Pai do Céu a cubra de bênçãos por este seu compromisso com os mais necessitados. Da Invicta, M. Bernardete com um vale postal de 18.000\$00, para o leite dos gémeos. De um «Samaritano de Algueirão», um vale de 2.000\$00. Que bom seria se em Portugal e no mundo inteiro, houvesse muitos Samaritanos. Do assinante 27527, que diz: «Sou um apaixonado da vossa Obra», 5.000\$00. De Fiães, chega-nos um cheque de

10.000\$00, de uma amiga que quis compartilhar da nossa alegria, aquando do casamento e baptizado aqui referidos. A mesma importância nos envia a assinante 14708, de Minde, resultado de uma colecta feita entre amigos. Lisboa marca presença, através da nossa amiguinha Maria Júlia, com 10.000\$00. E mais um coração a arder pelo fogo lançado pelo nosso jornal. É uma amiga de Coimbra, agora a passar férias em Pedrógão Grande, que envia 5.000\$00. Que Deus seja louvado, pois ainda há corações que se deixam incendiar pelo fogo do amor pelo Próximo. Mais 2.000\$00, das Termas de Monfortinho. De Miratejo, vem uma carta com 3.000\$00 de quem a escreve, mais 400\$00 de uma sua amiga. De uma Vicentina com 89 anos, da rua de Serpa Pinto, chega-nos um saco com roupas, para os nossos Pobres. 5.000\$00, com palavras que nos enchem o coração de alegria. Um bem haja à nossa amiguinha de sempre, M. Faria. De Silves, 1.000\$00. De Nelas, a assinante 13171 envia-nos 1.000\$00.

Certamente, Pai Américo, lá do Alto, intercederá junto do Pai do Céu por estes nossos benfeitores.

Um muito obrigado a todos e que Deus vos dê o triplo daquilo que destes aos nossos Pobres.

Casal vicentino

Praia de Mira

Começou o mês de Agosto e muitos de vós entrastes também em férias. Por nosso lado, na terça-feira, veio o 3.º grupo que é constituído pela malta mais velha que precisa mesmo de descansar, após um ano de trabalho, enquanto se foi embora o 2.º grupo que se regalou com as suas férias à beira-mar.

Enquanto os nossos cozinheiros preparam o almoço, o resto do pessoal vai para a praia bronzear-se, jogar futebol, fazer jogging e, finalmente, tomar um bom banho no mar, a fim de se refrescar.

«Mas que bom!» — dizem os nossos rapazes quando se atiram à água. E, quando vêm da praia, está tudo cheio de fome. A mesa posta espera-os para saborearem a deliciosa refeição que os cozinheiros prepararam.

Também, às vezes, vamos dar umas voltas com o nosso barco, à barrinha. As pessoas ficam todas espantadas a olhar para nós, quando vêm uma carada de rapazes dentro dele!

Entretanto, os pescadores vão para o mar lançar as suas redes e nós ficámos ansiosos e a torcer, para que elas venham cheias e com bom peixe, para os pescadores nos darem algum e assim regalarmos os nossos estômagos, como é costume.

Às vezes, Padre Horácio vai com alguns rapazes, de manhã cedo, à sua terra, buscar muitas coisas deliciosas, como, por exemplo: laranjas, ameixas, pêssegos, tomates, couves, feijões e muitas outras coisas que enchem a carinha até não poder mais.

Connosco está um antigo gaiato e a sua família, a passar suas férias bem merecidas, convivendo com nós e nós com eles. Pode-se dizer que há uma grande amizade entre estas duas gerações de gaiatos, porque a experiência do mais velho ajuda a encaminhar o mais novo.

Temos também a presença da irmã do Padre Horácio que precisava de praia, porque é uma senhora já de idade e está um pouco doente. Por isso, esforçamo-nos por ajudá-la com todo o carinho e respeito, para que se sinta bem entre nós.

Vamos continuar a viver as nossas férias e desejamos que todos os leitores as possam ter também.

Carlos José

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO — Um jovem autoconstrutor marcado por dificuldades, entupido pelo sofrimento,

MARGINALIDADES

*Oh, tocador do acordeão!
Alegria o meu coração
Com a tua bonita música.
Não te dou esmola
Porque sou pobre como tu.
Mas prometo ser teu amigo
E nos maus momentos estar contigo!*

*Oh, tocador do acordeão!
Toca para mim
Num verdejante jardim
Ou numa esquina solitária
Para sentir o calor da alegria!
Vejo que passa a multidão
E não dá importância à tua vida.
Eu prometo ser teu amigo
E nos maus momentos estar contigo!*

*Oh, tocador do acordeão!
Com a tua doce melodia
Vamos construir uma forte amizade
Alicerçada na justiça e na sinceridade!
Ressuscita os meus sonhos
Imóveis nos escombros!
Renova a minha vida
Soterrada na solidão!
Dá-me forças para elaborar um novo mundo.
Eu prometo ser teu amigo
E nos maus momentos estar contigo!*

Manuel Amândio

desabafa: — *Estou a levantar a minha casa. Sou pobre... Preciso d'ajuda.* Afirma tudo! Deu-se-lhe a mão.

Nos tempos livres, pelos montes sobranceiros ao Vale do Sousa, há equipas em acção. Pais, filhos, primos, sobrinhos, vizinhos, amigos. Trolhas, pedreiros, serralheiros, carpinteiros, canalizadores, serventes, indiferenciados. Até mulheres ocupadas no transporte de materiais, preparação de massas, etc.

Da forma como se processa a Autoconstrução — *espontaneamente* — vale a pena estudar o fenómeno, denunciar omissões de que são vítimas, solidarizar-nos com estes *heróis*.

Um outro, dos muitos que conhecemos (cuida dos Mortos e dá lições de Vida!), já percorreu as etapas mais difíceis: compra do terreno; dolorosa burocracia; projecto do imóvel; casa no ar, telhada. Falta o acabamento — *uma fortuna!* Não tem agora mais quê... e procura biscates: «*Agarramo-nos a tudo pr'acabar a casa.*» Caminho aberto, já que as linhas de crédito oficiais balouçam ao sabor da conjuntura, como se o País tivesse satisfeito o défice de 800.000 fogos.

Os centros de decisão não abandonem... este preciosíssimo capital humano, empurrado a fazer obras verdadeiramente incríveis pela falta de *ninhos* (económicos) no mercado da Habitação. Há legislação específica. E mais: a Autoconstrução já figura no articulado da Constituição do nosso País.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — A nossa malta que se dedicou às obras, anda muito atarefada na restauração da casa-mãe, pois já está velhinha, com meio século de existência. Toda ela está a levar uma volta, desde as janelas às canalizações, principalmente as das casas de banho e, no fim de tudo, o sr. João encarregar-se-á das pinturas. Vai ficar como nova.

AGRICULTURA — O milho, como não podia deixar de ser, já está quase criado, já tem bandeira e espiga. Tem sido muito bem tratado, graças ao sr. Jacinto, de Proença-a-Nova que se juntou a nós, nestas férias, para nos orientar nas regas.

Os primeiros tomates do nosso tomatal foram saboreados, com apetite, pela Comunidade, bem como o feijão verde e também alguma fruta.

Os cachos de uvas já pintam e todos anseiam pelo grande dia que é o das vindimas. Nesse dia, é uma festa! Ninguém se cansa de trabalhar e, de vez em quando, lá se provam as deliciosas uvas.

FÉRIAS — Chegou o 2.º grupo a Casa, pois tinham terminado as suas férias. Vieram todos contentes e bem queimadinhos pelo sol. Agora, e como o calor aperta, a malta regala-se a tomar banho na piscina. É vê-los a correr para ver quem é o primeiro a mergulhar e a gritar: Piscina! Piscina!

FUGAS — Aqui há dias, o «Casaco» e o «Brasileiro» fugiram, mas passados dois dias a polícia apanhou-os. O «Casaco» já tem fugido várias vezes. É um rapaz que não tem ninguém e que precisa de muito amparo. O «Brasileiro» está cá há umas semanas mas já deu mais trabalho do que alguns que já estão há anos. É um rapaz muito difícil. Com o tempo há-de habituar-se. Vamos todos ajudá-lo a ser um homem.

João Paulito



Maria Elisabete e Daniel, filhos de Custódia e Maciel.

TRIBUNA DE COIMBRA

Hoje fizemos uma venda d'O GAIATO, fora do normal. Os vendedores não encontraram seus fregueses em casa e vieram procurá-los nas praias. Em Agosto tem de ser assim.

Partimos de Casa cedinho e deixámos três na Figueira da Foz, um em Monte Real, dois na praia do Pedrógão, dois na Vieira, dois em S. Pedro de Moel, dois na Nazaré e dois em S. Martinho do Porto. Ontem andaram três na Praia de Mira.

Eu fui o condutor da carrinha e estou a escrever à sombra dum pinheiro. Ao chegar a S. Martinho do Porto fui a um café tomar a de-jé-jua. No café encontrei um a oferecer o jornal a um casal sentado à mesa. O casal não lhe ligou e o nosso Diamantino safu. A senhora esteve um momento em silêncio e disse ao marido: «É gaiato». Levantou-se e foi à procura e trouxe o jornal na mão, com cara de felicidade. Novamente sentada à mesa, passaram os olhos pelo jornal e a senhora, com muita delicadeza, dobrou-o e meteu-o na carteira, dizendo: «É para lermos em casa.»

Saboreei mais este encontro do que a chávena de café com o pãozinho e fiambre. Um casal com duas crianças a folhear o nosso jornal que me pareceu familiar para eles. Foi um banquete para mim.

A venda d'O GAIATO no Centro é tarefa muito importante para nós. Mais do que fonte de pão, queremos que seja anúncio de Boa Nova. Boa Nova de Jesus Cristo aos homens do nosso tempo. Procuramos que O GAIATO não seja de bagatelas, mas sim Boa Nova de inquietação. «Escrever como quem reza» — aconselhava Pai Américo.

Os nossos vendedores estão a entregar uma média de onze mil

exemplares. Vão a muitas terras e suas gentes: Coimbra, Mealhada, Anadia, Cantanhede, Condeixa, Pombal, Leiria, Tomar, Figueiró dos Vinhos, Sertã, Proença-a-Nova, Castelo Branco, Alcains, Alpedrinha, Fundão, Tortosendo, Covilhã, Lousã e Miranda do Corvo.

De todas as terras vêm carregados de mimos. Todos querem ser vendedores. Trazem muitas prendas autenticadas com os papelinhos de quem oferece. Feitas as contas,

ultrapassa sempre a quantia de quatrocentos mil escudos. A venda d'O GAIATO é o forte do nosso pão.

Ainda têm aparecido Amigos a perguntar se podem entregar aos vendedores mais do que o preço do jornal. Fazei as contas e vereis que a maior parte do que eles entregam é de acréscimos.

Há dias, numa rua de Coimbra, um médico perguntava-me qual a razão por que os nossos vendedores não aceitavam gorjeta. Fiquei

admirado e logo outro médico perguntou: «E tu ficaste com o jornal?» O primeiro respondeu: «Eu disse-lhe que não queria o jornal». O segundo atalhou logo: «At tens a lição. Eles andam a vender o jornal e não a pedir esmola».

A resposta estava dada e aceitei. Sorrimo-nos e despedimo-nos com um abraço. O jornal é a nossa mensagem.

Está a chegar a hora. Vou percorrer a caminhada da manhã para chegarmos a Casa à hora de jantar. Que o Senhor Deus abençoe todos os nossos passos e todos aqueles que nos recebem.

Padre Horácio

DOCTRINA



...o Garoto das ruas de Coimbra!

• De regresso da montanha onde se levantou a feira das crianças, tenho andado a namorar os casórios de Coimbra e por toda a parte vejo cortinas descidas, portas cerradas, jardins a secar, folhas caídas nos degraus da entrada e mãos estendidas fora das portas, num desesperado «dê-me alguma coisa que não está ninguém na terra».

• Eu queria ler, dentro da tua casa, as despesas da Colónia, na mesma sala onde antes me deste a oferta para ela e contar os seus mais interessantes episódios. Queria, sim. Mas talvez este jornal te chegue às mãos e tu venhas a saber, por ele, que os ovos se contaram por oitenta e quatro dúzias; e o leite por meia pipa; e os cordeiros gordos e macios por um quarto de tonelada; e a vaca por noventa quilos; e o azeite por nove cântaros; e o pão de trigo por meia tonelada; e a boroa mimosa — o grande remédio dos pequenos — por sessenta e oito alqueires; e as batatas por setenta arrobas — mai-lo cão da Sofia! Foram-se contos sem conta que tu me deste como quem brinca; e a brincar me hás-de dar muito mais. Necessito que tu me levantes a cara para eu passar com ela na Baixa, sem vergonha de ninguém; e ando triste, porquanto em duas semanas apenas recebi cinquenta escudos e cinco quilos de arroz; e mais nada. Este mais nada é um desmaiar, a pedir-te que me não deixes cair e que me des alguns coisa para atirar ao cãozão, preso à porta numa corrente de vinte argolas, tão compridas que nem sequer me deixa passar — trabalhos em que me meti!

• Parece ter infinita razão aquele que me despediu com um azedo «não seja burro nem mace a gente quando eu lhe pedia algo para as Colónias. Mas eu quero ser burro, um grande burro. Quero viver nesta burrice pegada e morrer impenitente, pedindo ao nosso Bom Deus que, por misericórdia, me livre dos males passados, presentes e futuros e coloque o ponteiro nas vinte e quatro quando a Morte me der a mão!

• Não repares nas quantidades consumidas, nem te admires se eu te disser que lhes dei do melhor. Eram meus hóspedes e hóspedes pobres. Não os tornei melhores, que isso é um dom da Graça; mas dei-lhes cor e quilos. Não lhes dei hábitos de mesa rica, mas sim aquele mínimo que todos deviam ter em suas casas, se cada um arrecadasse com mais justiça e gastasse com mais sobriedade. E regalei-me de dar fatias de pão ao «Barba Azul» e ao «Veneno» e ao «Malino» e a outros que me vinham pedir boroa fora das horas. Autênticos Gaiatos, com alcunhas da rua e gíria deliciosa, afinhavam eles em súplica confiante: — Dê-me um bocadinho de pão, que eu agora já sou melhor e trato bem os outros gajos. — Quem...? — Os outros meninos. O «Veneno» teve a rara habilidade de comer a fruta da quinta, do chão. Subia sorratamente às árvores, deitava abaixo duas peras e vinha piedosamente ao feitor: «Dê-me aquelas duas peras do chão!»

D. Amén. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.)

Património dos Pobres

Entre um dia, numa fábrica de materiais de construção, à busca do telhado e alguns sacos de cimento. Levava comigo os gemidos de famílias pobres e a confiança de que seria atendido, em nome deles. Tinha dinheiro, mais o capital que não se pesa nem se mede — a vontade e o trabalho daqueles a quem ia servir.

Em conversa com o director da empresa, fiz-lhe ver que a nação podia ter o povo feliz, se os governantes se decidissem a olhar como missão primeira a cumprir o cuidado de pôr à disposição dos sem casa os meios indispensáveis para construir a sua habitação. Falava da experiência vivida com gente que apenas pedia um lugar pobre e digno, onde os pais e os filhos pudessem abrigar-se, cada qual no seu quarto, sem promiscuidade, sem o frio do Inverno a entrar pelos buracos das paredes, nem a chuva incomodasse. Gente que queria um cantinho para viver e educar os seus filhos, sem o peso da renda que lhe tirava o pão para sobreviver. E continuei: Os Pobres, verdadeiramente Pobres, contentam-se com tão pouco! Porque lhes há-de ser negado esse pouco? Saí da fábrica com o material necessário. Foi o bastante para provocar uma explosão de alegria, onde não faltaram as palmas e os abraços dos pais e dos filhos. Senti-me pequenino e confundido. O mundo dos pobres guarda a verdadeira riqueza de que os grandes precisam para poderem dizer que são felizes.

Recebi, há momentos, uma carta dum pároco que, em meia dúzia de linhas, me comunicava a mesma experiência: «Agradeço o precioso auxílio do Património dos Pobres aos meus paroquianos. Receberam com lágrimas de alegria a ajuda e eu e eles ficamos-lhe muito gratos.»

Nós é que estamos agradecidos pela oportunidade que nos foi dada de repartir do que nos vai chegando. Assim, cumprimos a vocação que Deus nos deu; como a deu a todos, cada um no seu lugar da vida.

Porque a chama do Património dos Pobres, agora sob a forma de Pequenos Auxílios à Autoconstru-

ção não pode apagar-se, os padres da rua decidiram assumir, cada um na zona onde as suas comunidades estão implantadas, o cuidado de velar por este Património que tão querido foi a Pai Américo.

Ao Sul do Tejo, a comunidade de Setúbal. Na diocese de Lisboa e Santarém, a Casa do Gaiato do Tojal. O Centro, com as dioceses de

Coimbra, Guarda, Portalegre e Leiria, estarão ao cuidado da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Viseu e Aveiro serão acompanhadas a partir da Casa do Gaiato de Beire e Calvário. A diocese do Porto e as do Minho e Trás-os-Montes serão atendidas pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Padre Manuel António

CARTAS

«Sou assinante do querido e admirável O GAIATO quase desde o início da sua publicação. Vou fazer, se Deus quiser, 84 anos (é muito ano junto para uma pessoa só...!), mas cá estarei até Deus querer, evidentemente. Estou muito desmemoriada e não me lembro se já, este ano, paguei a minha assinatura.

Este cheque, portanto, será para a assinatura.

Continuo a apreciar imenso O GAIATO — que leio sempre com enternecimento e devoção.

Bem hajam sempre!

Assinante 10820»

«Envio um cheque de 1.500\$00 para a Obra da Rua, por graça obtida pelo Pai Américo e o resto para a minha assinatura de O GAIATO.

Peço imensa desculpa de só hoje me pronunciar, mas não me foi possível enviar mais cedo. Sou uma viúva de 69 anos e meio, a viver de uma pequena reforma e com todos os encargos a meu cuidado, pois vivo completamente só, sinto uma certa dificuldade.

O GAIATO e os livros de Pai

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Américo são o meu conforto nas horas desta imensa solidão.

Assinante 7004»

«Envio a quantia de dois mil escudos dos bilhetes que gastáramos no Coliseu do Porto, se tivéssemos Festa. Mas uma vez que ela não chega cá, fica para a próxima se Deus quiser.

Assinante 26362»

«Tenho 19 anos. A minha mãe é assinante d'O GAIATO há bastante tempo, mas só há cerca de dois anos comecei a lê-lo com vivo interesse.

A sua linguagem simples transmite uma mensagem muito rica que a mim, particularmente, «perturba», pois está plenamente recheada de alertas e desafios.

Muitas vezes penso que o que estou a ler é para o vizinho do lado, mas rapidamente me apercebo que aquilo me diz respeito. Quantas vezes digo NÃO a tantos reptos aí lançados, ora por comodismo, ora por medo. Perdoa-me, Senhor!

Sei que posso fazer alguma coisa, o que falta é querer. Pos bem, eu quero! Hoje, apenas ajudo materialmente com este cheque de 4.000\$00, mas prometo dar outro tipo de ajuda.

O valor deste cheque corresponde à compensação económica num trabalho com crianças da quarta-classe, promovido pelo Instituto de Juventude — OTI — Programa de Promoção ao Sucesso Escolar.

Um grande abraço da vossa amiga

P. V. R.»

LIVROS de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; **Calvário**, Padre Baptista (esgotado); **A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida**, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; **O Lodo e as Estrelas**, Padre Telmo Ferraz.

Aqui, Lisboa!

Bom seria que as Casas do Gaiato não fossem precisas, por desnecessárias. Pelo andar das coisas, porém, é evidente, e cada vez mais, que seriam urgentes muitas outras. Houvesse gente, que os espaços e o dinheiro não faltariam, como nestas colunas se tem muitas vezes dito e repetido.

«Era melhor que Emaús não existisse» — declarou há pouco o Padre Henri, fundador dos «Companhei-

ros» em Portugal, e que já esteve entre nós, conversando sobre as experiências e as preocupações atinentes às várias actividades em que estamos mergulhados. Nestas páginas, oportunamente, demos conta do facto.

Um aspecto queremos reter da entrevista referida. «É preciso que o jovem passe a dizer e a pensar mais nos seus irmãos» e, logo a seguir: «Há dois tipos de jovens:

aqueles que dizem sempre 'Eu, eu, eu...' e aqueles — são menos — que dizem 'E os outros!...'».

Os exemplos da sociedade em que vivemos não são nada próprios a uma sólida educação e ao sentido do semelhante. Os jovens, naturalmente, acabam por ser instrumentalizados e a alhear-se dos Valores, a começar na Família e a acabar na Escola.

O agir dos adultos, a permissividade moral, o consumismo desenfreado, a sofreguidão do ter e do poder não podem ajudar a formar homens capazes, susceptíveis de mudar o rumo dos acontecimentos e a tomar nas suas mãos, amanhã, as rédeas do comando da vida.

Os esbanjamentos continuam, a nível oficial e privado. Viagens a torto e a direito, com séquito numerosos são, quanto a nós, uma ofensa aos mais pobres e desprotegidos. O dinheiro corre a jorros por toda a parte, em festas, reuniões e similares, enquanto as necessidades consideradas vitais não têm resposta. O prazer e a satisfação dos instintos é que contam, sobretudo na época de veraneio. Organizações poderosas, na ânsia de fazer lucros, procuram os meios mais sofisticados para atraírem as pessoas, sobretudo a juventude, porque mais vulnerável.

Todos querem receber maiores proventos ou obter altos rendimentos, nem que seja vendendo a alma ao diabo... As exigências multiplicam-se. Ao Estado tudo se pede, às vezes para fins inconcebíveis, enquanto, às vezes, por outro lado, se procura fugir ao fisco de qualquer maneira. O grosso das pessoas exige benesses e regalias, mas furta-se às respectivas contrapartidas e, infelizmente, em muitos casos, faz que trabalhe.

Com uma panorâmica destas, por demais evidente, que Juventude esperamos? Isto para não falar nos

NOTAS DA QUINZENA

Cont. da página 1

Não o dizia por si, que o Evangelho marcou a sua vida. Falava da mentalidade de muita gente da sua terra. E da nossa também.

É o direito à vida que está em causa. Quando se pensa daquela maneira, a terra faz-se um deserto onde não corre o leite e o mel que nascem do amor partilhado.

Num grupo de adolescentes e jovens que passou, noutra ocasião, via-se a admiração e o espanto. Saíram, por momentos, do seu mundo que julgavam ser o único verdadeiro. Deram conta de que havia outra face, desconhecida para eles, mas que lhes dizia respeito também.

☆ Ao saírem estas notas, o sr. Padre Baptista retoma o seu posto no Calvário, onde tem gasto sua vida.

Padre Manuel António

«tubarões» da droga e dos lupanares da prostituição de ambos os sexos, que passeiam impunemente as suas grandezas à custa da desgraça de muitos.

Apetece-nos dizer aos jovens que acordem e se demarquem, em força, daqueles que mais não querem que os explorem. Que tenham coragem e se saibam impor pelo

abraçar dos ideais fortes, que levam à fraternidade e ao domínio de si próprios, em ordem à construção da civilização do amor, de que falava Paulo VI. É que os jovens de hoje serão os adultos de amanhã e, como citamos do Padre Henri, é sempre de ter presente os «Outros».

Padre Luiz

PARTILHA

★ Partilhar o amor no acolhimento dos irmãos e na partilha do pão. Do nosso pão — aquele bocado que nos toca e que temos de partilhar. As sobras não se partem. Dão-se ou deitam-se fora.

— Venham buscar um fardo de pijamas que não tem venda.

Um fardo inútil...

A verdadeira partilha tem raízes mais fundas e bem alimentadas na arca do Evangelho:

— Vai esta importância, que seria a despesa nos meus anos, para os nossos Pobres.

E aquela senhora idosa e pobre que todos os meses tira um naco da sua pensão!

Mas nem só o pão em dois, também é urgente, a partilha da alegria, da paz, da Palavra de Deus, da educação e da cultura. Estas são raízes ainda mais fundas e suculentas!

Que diremos da partilha da fé? A fé é um dom. Não podemos fazê-lo em pedaços... Podemos, sim, despertar a fome e a sede desse dom de Deus.

Como seria belo e maravilhoso que todos os cristãos se deixassem possuir por esta paixão — comunicar a fé!

Seria, igualmente, muito bom que os sacerdotes a vivessem, única e radicalmente. Como Cristo — apaixonado, radicalmente e só, pela urgência do Reino e a vontade do Pai.

★ — Passem por Fátima pois meu irmão encarregou-me de cumprir um voto — disse-nos ao telefone a sr.^a D. Maria Florinda.

Passámos eu e o Miguel. Foi a partilha dum valioso donativo. Uma senhora inglesa onde o irmão trabalhou, deixou-lhe uma casa e manifestou, na hora da morte, o desejo de dar uma oferta aos Pobres; só no caso de poder e sem obrigação.

Este irmão fez do desejo um voto e pediu à irmã e a seus filhos o seu cumprimento.

Impressionou-nos a alegria daqueles filhos ao entregarem em nossas mãos a importância de dois milhões e quinhentos mil escudos. Tão felizes e participantes no gesto nobre de seu pai!

★ Só há verdadeira partilha quando o pão repartido pelo que dá é comido por todos. Dar e receber. O que recebe com simplicidade, completa a partilha.

— Dá-me de beber — disse o Senhor à Samaritana.

Ele matou a sede na água do poço. Ela, com a Água Viva, partilhada pelo Senhor — como o pão. «Dá-me dessa água».

Para que ela recebesse e aceitasse a salvação, Jesus aproximou-se e, humildemente, lhe pediu água.

Tantas vezes a distância e o orgulho transformam em pedras o pão que se partiu.

Padre Telmo

SETÚBAL

Cont. da pág. 1

Outra saída especializada para os nossos rapazes, exigente e estimulante, capaz de os colocar no mercado do trabalho com salários compensadores e uma realização humana atraente.

Não precisamos de pedir trabalho para este sector, pois o que possuímos é bastante e diversificado; mas somente dar notícias para uma comunhão de alegria. Editamos, este ano, uma série de livros de vários milhares de unidades e preparamo-nos para outras edições mais alargadas e mais difíceis. Sabe-nos tão bem contemplar os rapazes dominando complicadas e modernas máquinas e vê-los produzir obra de elevado nível!

• Pelo carinho da Câmara Municipal de Setúbal e do seu Presidente, recebemos da Indústria de Celulose um cheque de cinco mil contos. Cafu como sopa no mel.

Sem ignorarmos o aproveitamento que se possa tirar destes gestos, queremos dar notícias deles e louvar quantos põem as necessidades dos Pobres à frente de outros gastos menos urgentes.

Só em rendas de casa, água, luz, gás e remissão de ouro no prego da Caixa Geral de Depósitos, já este ano, distribuimos, anónima e escondidamente, a famílias pobres visitadas, mais de três mil contos.

Padre Acílio



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e Imp. ofset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

O HELDER

Cont. da pág. 1

noutro defecou). Claro que, fechado, só ou com as duas irmãs, diariamente e mal tratado pela mãe, seria uma chamada de atenção sobre si próprio.

São visíveis as cicatrizes pelo corpo, fronte e braços.

Por tudo isto pede-se o seu internamento urgente em estabelecimento de assistência.»

Cá está. Chegou ontem. Muitos, em condições semelhantes, têm chegado, ao longo dos anos, à nossa Obra e a outras Instituições afins. É mesmo de toda a justiça lembrar uma, não vá supor-se que o pensamento e a preocupação a respeito da criança mal-tratada são coisas de hoje. Refiro-me à «Associação para as Crianças Vítimas da Crueldade» que o Dr. Leonardo Coimbra fundou há dezenas de anos e pelas quais, de algum modo, se pode dizer que morreu. Sim, porque ele morreu de desastre na Guiné enquanto deputado. E se o foi, foi-o com uma única motivação: ser voz pública em defesa de Crianças desta sorte e dos Deficientes mentais por quem trabalhou apaixonadamente.

Somente, as Instituições não são poço sem fundo; e, desgraçadamente, situações que as reclamam, excedem por largo a sua capacidade de resposta.

Diz estatística recente que «18.400 famílias maltratam ou negligenciam os seus filhos». Esgotará o número os casos desta espécie? Duvido, pelo menos quanto à negligência. Mas que esgotasse...! Ainda assim, onde a solução para o múltiplo deste número que é o das crianças atingidas, dado que elas, em regra, nascem e vegetam em meio prolífero?!

Este mal, se há sincero interesse de o remediar, tem de ser atacado nas causas. No que se ouve e lê por aí sobre este problema, ou há muita ingenuidade, ou irreflexão... ou demagogia. Ora vejamos o caso de hoje: O Helder tem pai, tem mãe. Estes desfizeram, pelo divórcio, o lar que, naturalmente, foi mal preparado e nunca funcionou bem. Porque «o pai nunca se interessou

pelo menor». A mãe, pelo que se lê na história do pequeno, também não. Enquanto a avó materna viveu, endossou-lho. Depois da morte desta, ele voltou para a mãe e o tratamento foi o que está descrito. O companheiro da mãe também se foi e deixou duas pequeninas cuja sorte oxalá não venha a ser idêntica à do Helder.

Pois bem. Quem pede responsabilidade a estes três adultos? O desinteresse e negligência pelos filhos; as violências contra eles cometidas; o abandono... —porventura serão direitos do homem, a respeitar?; liberdades, a constituir impunidade?

Esta mulher — quem sabe? — amanhã irá juntar-se a um terceiro e gerará mais filhos... Os dois homens talvez venham a juntar-se a outras — se ainda o não fizeram — e procriarão... Que futuro espera estas Crianças? Que «Emergência» lhes poderá acudir, se a sua acção se cingir a «detectar, acolher, enquadrar, encaminhar», deixando no silêncio prevenir para que o remédio sempre necessário fique mais ao nosso alcance?

Estancar as fontes deste caudal ruim será a única medida proporcionada à razão, à justiça e à pequenez da nossa capacidade de remediar. Mas isso passa pela moralização dos costumes, pela frenagem da violência escancaradamente exibida nos meios de comunicação, pela defesa e dignificação da Família, pela intransigência perante os abusos sobre as Crianças.

No que li a respeito do I.º Encontro Nacional da «Emergência Infantil», a palavra ainda assim mais realista, aquela em que encontrei virilidade, disse-a uma ministra: «Não chega emocionarmo-nos; é preciso reagirmos e assumirmos a nossa quota parte de responsabilidade nas situações de abusos infantis. Todos nós somos culpados, porventura passivos, de situações deste tipo».

É verdade. Enquanto vivermos nestas águas mornas de uma legislação que não há ou não é eficaz, os Helder's (e há casos bem mais graves!) continuarão a multiplicar-se sobre o equívoco reinante entre liberdade e libertinagem.

Padre Carlos